

**1700º ANO DO CONCÍLIO DE NICÉIA E 60º ANO DO ENCERRAMENTO DO
CONCÍLIO VATICANO II DOSSIÊ Nº 2**

doi: [10.25247/paralellus.2025.v16n39.p465-484](https://doi.org/10.25247/paralellus.2025.v16n39.p465-484)

**OS DEMÔNIOS SÃO AS MULHERES: A REPRESENTAÇÃO DO MAL
A PARTIR DO GÊNERO NA SÉRIE *LUCIFER***

DEMONS ARE WOMEN: THE REPRESENTATION OF EVIL BASED ON
GENDER IN *LUCIFER*

LOS DEMONIOS SON LAS MUJERES: LA REPRESENTACIÓN DEL MAL A
PARTIR DEL GÉNERO EN LA SERIE *LUCIFER*

*Thaís de Matos Barbosa**

*Glezia Alves de Melo***

RESUMO

O artigo explora a construção da personagem Mazikeen (Maze) na série *Lucifer*, abordando a interseção de gênero, mitologia, e sexualidade dentro de uma estrutura patriarcal e religiosa. Inspirada nos quadrinhos da DC Comics, a série apresenta Mazikeen como um demônio que desafia estereótipos de gênero, ao mesclar características tradicionais masculinas e femininas. A análise considera o impacto das normas culturais e sociais, especialmente as representações de mulheres na mídia e sua objetificação, ao discutir como Mazikeen, inicialmente uma figura hipersexualizada e “*femme fatale*”, transita para uma personagem mais complexa e emocionalmente vulnerável. A personagem também subverte a ideia de que as mulheres com poder devem ser punidas ou “desmasculinizadas”, como sugere a tradição patriarcal. Através de sua relação com Lucifer e, particularmente, com Eve, Mazikeen passa por uma transformação que envolve não apenas um questionamento de sua própria natureza demoníaca, mas também uma busca por afeto, autonomia e redenção, rompendo com os padrões de feminilidade submissa. O artigo analisa, ainda, como a construção da personagem dialoga com as noções tradicionais de sexualidade, violência e poder, destacando a crítica à

* Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Ciências das Religiões da UFPB e professora substituta do curso de Letras da UEPB (Campus III). E-mail: thais.m.barbosa@gmail.com.

** Doutoranda e Mestre em Ciências da Religiões pelo PPGCR-UFPB. E-mail: gleziaalvespsi@gmail.com.

representação das mulheres na mídia e seu impacto nas percepções sociais de gênero e identidade. Desse pressuposto, *Lucifer* oferece um espaço para subversão e reconstrução de imagens femininas, promovendo uma reflexão sobre o papel da mulher no contexto contemporâneo.

Palavras-chave: Gênero. Mitologia. Sexualidade. *Lucifer*.

ABSTRACT

The article explores the construction of the character Mazikeen (Maze) in the series *Lucifer*, addressing the intersection of gender, mythology, and sexuality within a patriarchal and religious framework. Inspired by DC Comics, the series presents Mazikeen as a demon who challenges gender stereotypes by blending traditionally masculine and feminine traits. The analysis considers the impact of cultural and social norms, particularly the portrayal of women in media and their objectification, discussing how Mazikeen, initially a hypersexualized "femme fatale" figure, transitions into a more complex and emotionally vulnerable character. The character also subverts the idea that powerful women must be punished or "desexualized", as suggested by patriarchal traditions. Through her relationship with Lucifer and, particularly, with Eve, Mazikeen undergoes a transformation involving not only a questioning of her demonic nature but also a search for affection, autonomy, and redemption, breaking free from the standards of submissive femininity. The article further examines how the character's development interacts with traditional notions of sexuality, violence, and power, highlighting the critique of women's representation in the media and its impact on social perceptions of gender and identity. From this, *Lucifer* provides a space for the subversion and reconstruction of feminine images, encouraging a reflection on the role of women in contemporary society.

Keywords: Gender. Mythology. Sexuality. *Lucifer*.

RESUMEN

El artículo explora la construcción del personaje Mazikeen (Maze) en la serie *Lucifer*, abordando la intersección de género, mitología y sexualidad dentro de una estructura patriarcal y religiosa. Inspirada en los cómics de DC Comics, la serie presenta a Mazikeen como un demonio que desafía estereotipos de género, al mezclar características tradicionales masculinas y femeninas. El análisis considera el impacto de las normas culturales y sociales, especialmente las representaciones de mujeres en los medios y su objetificación, al discutir cómo Mazikeen, inicialmente una figura hipersexualizada y "femme fatale", transita hacia un personaje más complejo y emocionalmente vulnerable. El personaje también subvierte la idea de que las mujeres con poder deben ser castigadas o "desmasculinizadas", como sugiere la tradición patriarcal. A través de su relación con Lucifer y, particularmente, con Eve, Mazikeen experimenta una transformación que involucra no solo un cuestionamiento de su propia naturaleza demoníaca, sino también una búsqueda de afecto, autonomía y redención, rompiendo con los patrones de feminidad sumisa. El artículo analiza, además, cómo la construcción del personaje dialoga con las nociones tradicionales de sexualidad, violencia y poder, destacando la crítica a la representación de las mujeres en los medios y su impacto en las percepciones sociales de género e identidad. Desde esta perspectiva, *Lucifer* ofrece un espacio para la subversión y reconstrucción de imágenes femeninas, promoviendo una reflexión sobre el papel de la mujer en el contexto contemporáneo.

Palabras clave: Género. Mitología. Sexualidad. *Lucifer*.

1 INTRODUÇÃO

Com o passar do tempo, determinadas mudanças de paradigmas levam, às vezes, muito tempo e requerem atitudes drásticas. No que diz respeito ao feminino e seu corpo, essas alterações requerem movimentos ainda mais intensos, por fazerem parte de um processo complexo.

Para Yonekura (2020), entender a estrutura patriarcal e seu diálogo com a religiosidade e mitologia cristã é fundamental para entendermos muitos dos mecanismos de dominação do atual sistema capitalista contemporâneo, pautado na dominação de corpos femininos, sejam estes cis ou trans.

Diferentes religiões do mundo trazem a materialização da dominação patriarcal através das interpretações de suas mitologias e das práticas de seus devotos e, a partir do avanço do direito das mulheres, algumas melhorias e transformações aconteceram. Entretanto, através da mídia, realiza um processo de reversão desses feitos, corroborando com a estigmatização e segregação do universo feminino, que segue em constante luta para a derrubada de estereótipos antigos ainda vigentes.

Teresa de Lauretis, em sua obra *Technologies of Gender: Essays on Theory, Film and Fiction*, de 1987, argumenta que o gênero não é apenas uma identidade ou um papel, mas, sim, o efeito de tecnologias sociais, discursivas e representacionais que reforçam esses estereótipos nos próprios meios de comunicação, na literatura e no cinema. Segundo a autora (1987, p. 32),

[...] o espaço construído pelo filme não é apenas um espaço textual ou fílmico da visão, em quadro e fora de quadro — pois um espaço fora de quadro ainda está inscrito nas imagens, embora não costurado narrativamente pelo contra-plano, mas efetivamente se dirigindo aos determinantes históricos e sociais [...].

Além disso, o espaço do filme é também um espaço crítico de análise, um horizonte de significados possíveis que inclui — ou se estende até — o espectador (“se estende além da ficção”) na medida em que o espectador é levado a ocupar simultaneamente essas duas posições, a seguir as duas “lógicas” e a percebê-las como igualmente verdadeiras e simultaneamente reais.

Lauretis mostra que, mesmo que o gênero seja produzido e reproduzido por essas tecnologias – cinema, literatura, etc. – eles também podem resistir, subverter ou reconfigurar essas normas. Koch (1985, p. 144) diz que

por enquanto a questão permanece se os filmes feitos por mulheres realmente conseguem subverter esse modelo básico da construção do olhar pela câmera — se o olhar feminino através da câmera sobre o mundo, sobre homens, mulheres e objetos será essencialmente diferente.

Dentro da série ficcional, faz-se necessário entender a representação e construção da personagem Mazikeen (ou Maze, como é chamada na produção televisiva), para além do gênero e do aspecto religioso. Baseando-se nos conceitos apresentados por Lauretis (1987), a personagem apresenta conceitos estereotipados do feminino, tais como a hipersexualização e demonização, contudo ela é subversiva: apresenta relacionamento homoafetivo com a presença de protagonismo de seus sentimentos, além de demonstrações de vulnerabilidade e um desejo de autonomia.

Este trabalho busca discutir a representação do mal a partir da figura feminina, mais especificamente da personagem Mazikeen, da série *Lucifer*. Para isso, serão analisados os episódios cuja participação do demônio-auxiliar Maze se apresenta de modo subversivo, de modo a analisar a construção do feminino através da personagem.

2 A SÉRIE LUCIFER

A série *Lucifer* é inspirada nos quadrinhos do selo Vertigo (uma divisão da DC Comics), numa coprodução da Warner Bros TV, DC Comics e Jerry Bruckheimer Television, com Tom Ellis no papel-título. O personagem também vai aparecer nos quadrinhos da série *Sandman*, de Neil Gaiman, no primeiro arco, chamado *Prelúdios e Noturnos*. *Lucifer* ainda retorna em *Sandman* no arco *Estação das Brumas*, em que ele decide abandonar o inferno e viver na Terra, deixando o seu antigo reino nas mãos de Sonho, incluindo o retorno dos mortos à Terra.

Lucifer narra a estória de Lucifer Morningstar, Senhor do Inferno, o qual, cansado e entediado de sua vida, decide tirar umas férias na Terra, abdicando de seu trono infernal e desafiando o seu pai, e passa a administrar uma boate em Los Angeles, a

Lux. Ele vem acompanhado de Mazikeen, um demônio que o ajuda na missão com a casa de diversão. Além disso, Lucifer atua também como consultor da polícia, ajudando a solucionar crimes, sob às ordens da detetive Chloe Decker, por quem acaba se apaixonando.

Com o intuito de fazê-lo retornar ao Inferno, seu irmão, o anjo Amenadiel, é enviado à Terra, não conseguindo convencê-lo, por mais estratégias que utilizasse. Nesse ínterim, Lucifer conhece a terapeuta, Linda, que não acredita que ele é o diabo – um detalhe: ele sempre diz a verdade, não importa o que aconteça. Esse *spin-off* de Lucifer se dá a partir da decisão do personagem vir morar na Terra juntamente com Mazikeen, a qual o acompanha em suas aventuras.

A figura mítica do diabo constitui uma representação popular que transcende os escritos de cunho religioso (Pires e Nascimento, 2019). Nas narrativas mitológicas, é constante perceber a presença da figura do demônio que o associam às práticas de malefícios.

No livro do Apocalipse, a referência à Satã se dá em diversas passagens, como, por exemplo, no Apocalipse.

7 Houve então uma guerra nos céus. Miguel e seus anjos lutaram contra o dragão, e o dragão e os seus anjos revidaram.

8 Mas estes não foram suficientemente fortes, e assim perderam o seu lugar nos céus.

9 O grande dragão foi lançado fora. Ele é a antiga serpente chamada Diabo ou Satanás, que engana o mundo todo. Ele e os seus anjos foram lançados à terra (Bíblia, Apocalipse 12, 7-9)

Nos textos apocalípticos, Lucifer é retratado como um anjo caído, que perdeu seu lugar no panteão celestial, destituído de suas funções e lançado ao inferno, conforme passagem de Apocalipse 20, 7-10.

7 Quando terminarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão
8 e sairá para enganar as nações que estão nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, a fim de reuni-las para a batalha. Seu número é como a areia do mar.

9 As nações marcharam por toda a superfície da terra e cercaram o acampamento dos santos, a cidade amada; mas um fogo desceu do céu e as devorou.

10 O Diabo, que as enganava, foi lançado no lago de fogo que arde com enxofre, onde já haviam sido lançados a besta e o falso profeta.

Eles serão atormentados dia e noite, para todo o sempre (Bíblia, Apocalipse 20, 7-10).

Essa representação da figura mítica do demônio – inimigo do povo cristão – sempre esteve envolta em uma atmosfera persecutória e maléfica. Ao nos debruçarmos, por exemplo, na Idade Média, diversas pessoas – mais especificamente mulheres – foram queimadas vivas por possuírem o que a Igreja chamava de “marca do diabo” em seus corpos, ocorridas através de pactos de sangue realizados em sábás¹.

Nesse artigo, debruçar-nos-emos sobre a personagem Mazikeen e as questões de gênero envolvidas no desenrolar do desenvolvimento desse demônio que acompanhará Lucifer em suas aventuras.

3 MAZIKEEN E A PERFORMANCE DE GÊNERO

De acordo com Bennama e Merdji (2024), conceitos como lugar comum, estereótipo, preconceito estão relacionados ao conjunto de crenças recebidas, aceitas e interiorizadas. Entre essas denominações semelhantes, o estereótipo, termo estatisticamente dominante na psicologia, e depois na imprensa, é usado essencialmente em dois campos: as questões de raça e as de sexo.

Para as autoras, o termo, cuja etimologia, relacionada à impressão, sugere a solidez da forma, conota a duração e o consentimento coletivo: é algo que é compartilhado por uma comunidade, que se transmite, ao longo das gerações através da imitação social, como um inventário fixo de imagens, crenças e fórmulas.

Há muito tempo, a literatura de gênero vem combatendo essa certa “solidez” dos estereótipos a partir de uma “desconstrução”, cuja utilização lexical tem sido mais repetida nos nossos dias, embora, outrora, durante o período iluminista, a luta pela quebra dos paradigmas e estereótipos já existisse. A psicologia social identifica estereótipos em nossa representação do outro. Associados a uma cultura específica, a uma nacionalidade, eles se tornam como uma espécie de substituto metafórico (Bennama e Merdji, 2024).

¹Assembleia noturna de bruxos e bruxas, que, conforme superstição popular da Idade Média, se reunia aos sábados, à meia-noite, sob a direção de Satanás.

No concernente ao gênero, Pineaux (1963, p. 80-110) registra falhas consideradas atemporais, como, por exemplo a inclinação para a conversa fútil: “Onde há mulher, não há silêncio”; a duplicidade: “Mulher ri quando pode, e chora quando quer”; ou a dominação doméstica: “O que a mulher quer, Deus quer”. Desta maneira, os preconceitos se tornam ainda mais abrangentes, pois transgridem da personalidade para o âmbito profissional e do comportamento cotidiano.

Esse aspecto performático do feminino é apresentado e discutido por Judith Butler em sua obra *Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade*, em que a autora discute que o gênero não é uma essência inata, mas sim uma construção social, que é incessantemente reiterada e sustentada através de atos performativos. A partir disso, ela argumenta que a repetição estilizada de gestos, movimentos e ações ao longo do tempo cria a ilusão de uma substância de gênero, quando, na verdade, o gênero é um efeito dessa performance contínua. A autora diz que

O fato de o corpo gênero ser marcado pelo *performativo* sugere que ele não tem *status* ontológico separado dos vários atos que constituem sua realidade. Isso também sugere que, se a realidade é fabricada como uma essência interna, essa própria interioridade é efeito e função de um discurso decididamente social e público, da regulação pública da fantasia pela política de superfície do corpo, do controle da fronteira do gênero que diferencia interno de externo e, assim, institui a “integridade do sujeito”. **Em outras palavras, os atos e gestos, os desejos articulados e postos em ato criam a ilusão de um núcleo interno e organizador do gênero, ilusão mantida discursivamente com o propósito de regular a sexualidade nos termos da estrutura obrigatória da heterossexualidade reprodutora** (Butler, 2024, p. 235, grifo das autoras)

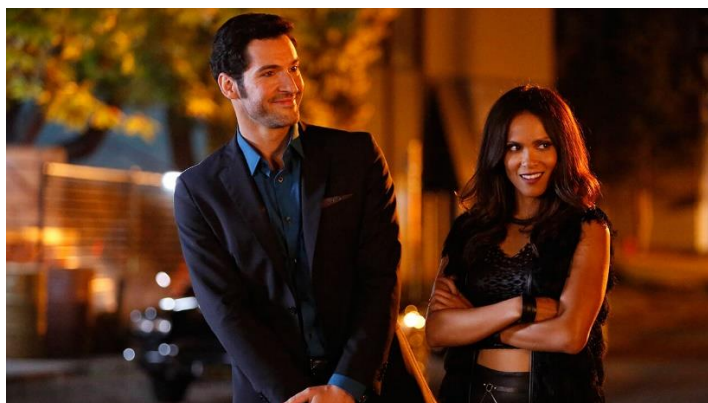
Fiorenza (2013) nos afirma que as escrituras sagradas – tanto do mundo hebraico como cristão – são pautadas em uma realidade patriarcal e androcêntrica a qual Rose Marie Muraro (2020, p. 16), no prefácio do livro *Malleus Maleficarum* descreve como “inveja do pênis”. Nesse contexto, Muraro realiza uma inversão do conceito da psicanálise freudiana – nas origens das culturas humanas, o homem que sentiu inveja da autonomia reprodutiva das mulheres, a qual ela, na passagem, chama de “inveja do útero”. Na passagem, a historiadora diz que:

Também nas sociedades de caça a mulher era considerada um ser sagrado, que possuía o privilégio dado pelos deuses de reproduzir a espécie. Os homens se sentiam marginalizados nesse processo e invejavam as mulheres. Essa primeva “inveja do útero” dos homens é

antepassada da moderna “inveja do pênis” atribuída às culturas patriarcais mais recentes (Muraro, 2000, p. 16)

No que concerne à construção da imagética feminina, Mazikeen é uma personagem multifacetada, sendo uma personagem que se apresenta, a princípio, no que se entende por uma performance masculina dentro do conceito apresentado por Judith Butler: é dura, má, não busca conexões emocionais e nem interpessoais – cujo estereótipo está associado ao ideal de autossuficiência e independência. À medida que a série avança, no entanto, Mazikeen apresenta uma busca por afeto e conexão, cujos traços estão intimamente ligados ao ideal feminino.

Imagem 01: Lucifer (Tom Ellis) e Mazikeen/Maze (Lesley Ann-Brandt)



Fonte: Cena da série Lucifer. Disponível em:

<https://lucifer.fandom.com/wiki/Mazikeen>. Acesso em: 24 mar. 2025.

Mazikeen é um demônio e, nesse ponto, é uma personagem subversiva dentro das noções de binariedade, posto que sua identidade é moldada por sua natureza demoníaca e sua individualidade, não por normas sociais humanas de gênero.

Partindo desse princípio, pode-se definir a personagem dentro do que Paul Preciado (2022) chama de contrassexualidade. O autor apresenta este conceito em que “os corpos se reconhecem a si mesmos e aos outros corpos não como homens ou mulheres, mas como corpos vivos; reconhecem em si mesmos a possibilidade de aceder a todas as práticas significantes” (p. 32-33). Ou seja, para o autor, o contrassexual renuncia não só a uma identidade sexual fechada e determinada naturalmente, como também aos benefícios que poderiam obter com a naturalização dos efeitos sociais, econômicos e jurídicos de suas práticas significantes.

Essa dualidade entre o universo masculino e feminino fica visível nas relações entre Mazikeen e Lucifer – em que ela sempre busca ser “durona”, com uma fachada inabalável de lealdade e desapego emocional, mas que, ao perceber que não é retribuída na mesma moeda, frustra-se – e dela com Linda (Rachael Harris). Nesse relacionamento, percebe-se que elas desenvolvem um grau de intimidade imenso e recíproco, em que Maze é chamada até de “Tia Maze”, quando Linda tem seu filho com o anjo Amenadiel (D. B. Woodside).

Imagem 02: Mazikeen/Maze (Lesley Ann-Brandt), Linda (Rachael Harris) e Amenadiel (D. B. Woodside)



Fonte: Cena da série Lucifer. Disponível em: <https://futaricombii.com/lucifer/>. Acesso em: mar 2025

4 SEXUALIDADE E OBJETIFICAÇÃO

No concernente aos estereótipos, Özkantar (2023) afirma que, apesar da passagem do tempo, alguns são tão rígidos que alterá-los exige um esforço extra, muita luta e uma verdadeira revolução nas noções estabelecidas.

Com o avanço da luta pelos direitos das mulheres, alguns deles foram conquistados. Entretanto, a cultura vulgar reverte esses lugares de modo exponencial, e a mídia, cujo papel deveria ser o de combater esses preconceitos, não fez uma diferença significativa no que diz respeito às inclinações que envolvem segregação ou estigmatização excessiva das mulheres. Pelo contrário, elas continuam a ser reproduzidas com elementos recorrentes ocultos na indústria do cinema e da televisão.

Esses lugares do gênero têm origens ontológicas e influenciam, direta ou indiretamente, a forma como a sociedade enxerga o papel da mulher – o que fazer e como se comportar e, quando a mídia – leia-se cinema e programas de televisão – entrelaçam-se para tal, acabam por reforçar preconceitos, tornando tudo cada vez mais complexo e difícil.

Para se entender o lugar do demônio Mazikeen na série, precisa-se entender o conceito de *femme fatale*, o qual Özkantar (2023, p. 367) define como “uma mulher sedutora que atrai os homens para situações perigosas ou comprometedoras” ou “uma mulher que atrai os homens por uma aura de charme e mistério”. Nesse sentido, a maioria dessas mulheres são tão sedutoras que conseguem atrair ou manipular quase todos os homens. Além de sua aparência, elas demonstram grande autoconfiança, coragem, determinação e um comportamento instigante. Devido a essas características, os homens não conseguem parar de amá-las e acabam obedecendo aos seus desejos. Sendo assim, a *femme fatale* é, na verdade, uma anti-heroína e se opõe às normas e tradições gerais da sociedade, sendo mulheres que ultrapassam regras, códigos e expectativas, o que faz com que os homens as temam, visto que a masculinidade receia perder seu poder e superioridade sobre a feminilidade, estabelecidos há séculos.

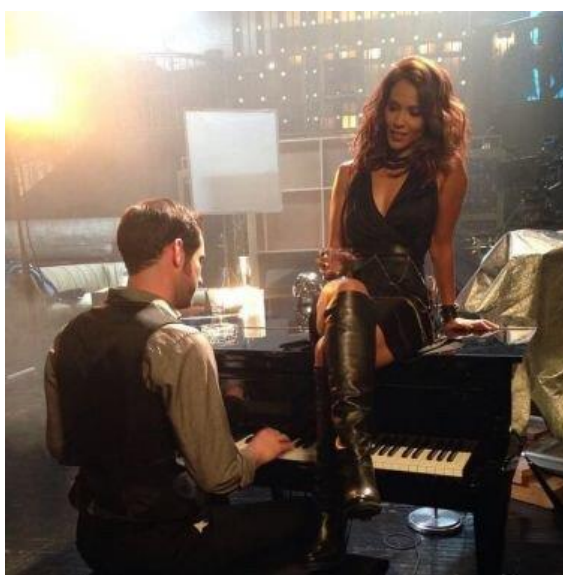
Partindo desse pressuposto, a *femme fatale* se torna o símbolo dos medos patriarcais, das ansiedades masculinas e da impotência, sendo frequentemente retratadas com características demoníacas, a fim de legitimar as crenças masculinas sobre as mulheres, que reforça a ideia de que elas costumam trair os homens que confiam nelas, sendo sempre, ao final, condenadas, sejam morrendo ou sendo presa no final dos filmes. Isso significa que a personagem que desafia o sistema precisa ser punida ou ajustada às normas e convenções aceitas pela sociedade (Özkantar, 2023).

Mazikeen é uma personagem hipersexualizada. Seu figurino e comportamento sedutor dialogam com a objetificação feminina. No entanto, a personagem subverte essa lógica ao exercer controle sobre sua própria sexualidade, escolhendo parceiros e recusando-se a ser dominada por homens.

Laura Mulvey, em *Visual Pleasure and The Narrative Cinema*, de 1975, explora o conceito de *male gaze* – o olhar masculino – a partir de uma vertente psicanalítica

lacaniana e freudiana. O que ela traz é a tentativa de compreensão da a situação de uma mulher sendo observada e a descreve como a “falta” experimentada pelo sujeito masculino e sua projeção no sujeito feminino para manter uma ilusão percebida de que ele é completo. Em seu estudo, a autora ainda cita Budd Boetticher, o qual afirma que “O que importa é o que a heroína provoca, ou melhor, o que ela representa. É ela, [...], que o faz agir da maneira que age. Em si mesma, a mulher não tem a menor importância” (p. 809).

Imagem 03: Mazikeen/Maze (Lesley Ann-Brandt) e Lucifer (Tom Ellis) na boate Lux, moradia terrena dos personagens.



Fonte: Cena da série Lucifer. Disponível em:

https://x.com/TomEllis_Spain/status/985315366233690112?lang=pl. Acesso em: mar. 2025

Embora Maze seja extremamente atraente, sexy e tentadora, ser uma excelente lutadora, atuar como carrasca, serva, guardiã, assistente e ex-amante de Lucifer, quando se comporta como uma mulher comum, Maze se torna vulnerável e, por isso, tenta constantemente parecer forte. Como mulher e demônio, ela possui traços típicos de uma *femme fatale*. Por outro lado, ela também se mostra leal, obediente e submissa, mas, assim como Chloe, acaba traindo Lucifer. Segundo Özkantar (2023, p. 373),

Quase todas as personagens femininas ao redor de Lucifer são sexy, bonitas e perigosas, possuindo um grande potencial para manipular os homens graças à sua sensualidade e inteligência. Mesmo que, em muitos momentos, elas sirvam a Lucifer, acabam, na maioria das vezes, traindo-o. De fato, as personagens femininas são retratadas

como uma ameaça, enquanto as identidades masculinas na série são associadas a Deus, ao diabo ou a anjos criados por Deus. As mulheres, por outro lado, não são tão poderosas quanto os homens e são apresentadas como demônios ou mortais. Mesmo a Deusa, Charlotte, deve obedecer às regras de Deus, seu marido.

Outro ponto salutar dessa análise diz respeito à sexualidade de Maze. A sua bissexualidade é um ponto que, muitas vezes, na mídia, é representado como algo relacionado ao fetichismo masculino, reforçando a figura empoderada que existe e é elaborada em torno da personagem. Contudo, a relação entre Maze e Eve, por exemplo, é construída com maior profundidade emocional, indicando uma tentativa da série de romper com estereótipos.

Imagem 04: Mazikeen/Maze (Lesley Ann-Brandt) e Eve (Imbar Lavi).



Fonte: Cena da série Lucifer. Disponível em: <https://mctv.ouest-france.fr/mon-mag-culture/mon-mag-serie-tv/lucifer-saison-5-maze-eve-devaient-rester-ensemble-serie-12072020/>. Acesso em: mar. 2025

5 VIOLÊNCIA E PODER

Na nossa sociedade historicamente patriarcal, em que homens e mulheres ocupam esferas de influência separadas e geralmente desiguais, é lógico esperar que os contos de fadas socializem homens e mulheres de forma diferente, para que “amadureçam” nos seus papéis de gênero socialmente designados, sendo que “os homens devem ser ensinados a serem ativos, agressivos e, geralmente, terem mobilidade” (Mahaffey, 1995, p. 2).

Clarissa Pinkola Estés (1999) em *Mulheres que Correm com os Lobos*, no capítulo 2, discorre, através do conto do Barba Azul, a questão do “predador natural” que existe dentro de cada mulher, ensinando que a “mulher selvagem” não pode ser “boazinha”

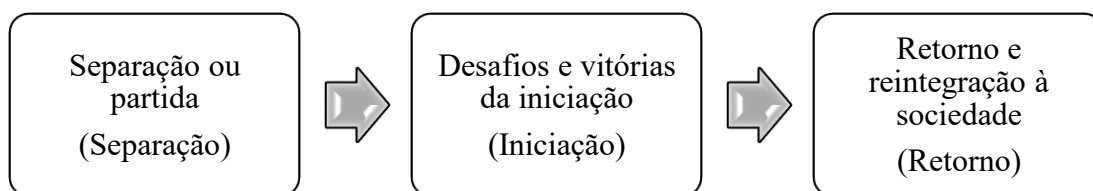
quando está sob ameaça – ela precisa ser encorajada a lutar e amadurecer. Ou seja, a mulher ingênua é como uma presa.

Pode-se, então, fazer uma analogia com a jornada do herói de Campbell (1949, p. 30), em que:

Um herói se aventura do mundo comum para uma região de maravilhas sobrenaturais: forças fabulosas são encontradas e uma vitória decisiva é conquistada: o herói retorna desta aventura misteriosa com o poder de conceder bênçãos a seus semelhantes² (trad. das autoras).

A partir disso, pode-se considerar a jornada do herói épico a partir de três pontos, conforme descrito na Figura 01.

Figura 01: Estrutura da jornada do herói épico



Fonte: produzido pelas autoras, baseado em Campbell (1949).

Contos de fadas e histórias fantásticas, com seus cavaleiros e príncipes encantados reforçam essa estrutura mítica ao mostrar que os príncipes devem deixar o seu reino (processo de separação), em busca de aventuras – matar dragões, destruir inimigos, etc. (iniciação) de modo a ganhar o amor e mão das princesas, podendo, assim, retornar às suas origens e clamar pelo seu trono (retorno).

Enquanto essa é a estrutura arquetípica da atividade heroica masculina, o arquétipo feminino consiste em manter o “mundo do dia comum”, então são responsáveis por serem o lugar para onde o herói pode retornar (Mahaffey, 1995). Deste modo, percebe-se que a esfera privada feminina é infinitamente menor que a masculina, visto que as mulheres foram convencionalmente socializadas a serem bonitas ao invés de fortes, bem como passivas, pacientes, cuidadoras, relacionais e humildes, que são características contrárias do que se espera encontrar no herói. Em um conceito mais

² A hero ventures forth from the world of common day into a region of supernatural wonder: fabulous forces are there encountered and a decisive victory is won: the hero comes back from this mysterious adventure with the power to bestow boons on his fellow man.

direto, o herói é o homem, e a jornada é puramente masculina. Para a mulher, sobra o lar e o dia-a-dia de um papel do lar e do mundo privado.

Nesse ponto, dentro de uma análise arquetípica do feminino, Mazikeen é disruptiva: por mais que ela apresenta traços ligados ao feminino, tais como a sensualidade e a beleza, ela também é inteligente, guerreira, uma assassina violenta e lutadora destemida. Esse arquétipo é constantemente associado ao papel tradicionalmente masculino – que enfrenta a jornada e todos os desafios que ela traz.

Normalmente, a construção patriarcal coloca a mulher violenta e agressiva em um lugar de vilania e maldade, posto que esse comportamento é moralmente oposto àquele esperado por uma mulher. Vale-se salientar que o papel da mulher no patriarcado é o de submissão, advindo da visão cristã de Maria, que era santa. Neste caso, Maze é um demônio e, indubitavelmente, comportar-se-ia como o oposto dessa imagem. Mesmo que moralmente ambígua, Mazikeen pode ser vista como uma espécie de heroína, visto que a sua representação desafia a ideia de que o poder e a força são moralmente masculinos.

Esse argumento pode ser justificado a partir do que Neroni (2005) chama de falha da ideologia. Segundo a autora,

Similarmente, a violência no cinema tanto produz quanto resiste à ideologia. Por exemplo, a violência frequentemente parece irromper quando a ideologia falha: quando a estrutura simbólica ou narrativa se desintegra, recorreremos à violência. Por um lado, neste cenário, a violência pode servir como uma solução provisória para essa falha, uma ação que esconde os limites da linguagem e da narrativa. Em outras palavras, a violência auxilia a ideologia — ou atua como um suplemento a ela — seja essa, por exemplo, a ideologia do estado ou a ideologia da masculinidade. Por outro lado, no entanto, a violência pode ser um desafio à ideologia, porque ela existe nos limites da linguagem e da narrativa. Ou seja, a violência também pode representar uma ameaça ao funcionamento da ideologia (Neroni, 2005, p. 7)

O comportamento de Mazikeen é uma ruptura com os padrões tipicamente masculinos e irrompe no momento em que a estrutura simbólica se desintegra. Partindo disso, pode-se interpretar a violência da personagem como uma resposta ao mundo e o sistema opressor em que está inserida: ao ser tratada como inferior por sua condição de demônio e mulher, ela usa a força para afirmar sua presença no mundo, reforçando

a tese de que mulheres em posições de poder ainda precisam recorrer a características masculinizadas para serem levadas a sério.

Imagem 05: Mazikeen/Maze (Lesley Ann-Brandt) em luta.



Fonte: Cena da série Lucifer. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=CFNtKm2Cgg4>.

Acesso em: mar. 2025

6 O RELACIONAMENTO COM EVA: SUBVERSÃO, REDENÇÃO E A CONCEPÇÃO CRISTÃ DO MAL

George Minois em *A Origem do Mal* discute a questão relacionada à mulher, à serpente e à árvore, trazendo ao cerne da discussão do mito à mulher, a qual está sempre no centro do mistério associado à sexualidade. Minois (2021, p. 10) nos diz que

[...] as tentativas de criação monossexualizada fracassaram. A Bíblia não foi exceção. De fato, Eva parece não fazer parte do plano inicial do Criador. Javé a chama de *Ishsha*, “mulher”, termo derivado de *Ish*, “homem”, pois ela vem de uma costela do homem (Gn 2, 23). Adão lhe dá seu nome, *Hawwah*, Eva (Gn 3, 20), isto é, “a viva”, assim como deu nome a todos os animais, sinal, segundo os exegetas, da superioridade do homem.

Todavia, apesar de ser fisicamente fraca e feita da costela do homem, a mulher encontrou o meio de dominar o homem pela sedução sexual. É nesse momento que a serpente entra em cena como sendo símbolo falocêntrico, “da penetração nos orifícios da Terra-mãe, da fecundidade, da regeneração e da longevidade pelas mudanças de pele, a serpente, assim como a mulher, fascina e inquieta” (Minois, 2021, p. 11). Mesmo no Paraíso, a imposição do tabu do tabu alimentar é imposta:

“Tu não comerás da árvore do conhecimento do bem e do mal, pois, no dia que em que o fizeres, morrerás de morte”. (Minois, 2021, p. 12).

A mulher é o berço dessa transgressão a partir de Eva. Rose Marie Muraro (2020) afirma que o pecado original é colocado no ato sexual, sendo esta a culpa máxima. Segundo a autora, a árvore do conhecimento é também a árvore do bem e do mal e, portanto, o corpo tem que ser amaldiçoado. Entretanto é interessante notar que o homem só consegue o conhecimento do bem e do mal transgredindo a lei do pai. O prazer, doravante, é mal e, portanto, proibido. Praticá-lo é transgredir a lei, sendo, portanto, limitado às funções procriativas e, mesmo assim, carregado de culpa.

Eve – representação de Eva – na série, é uma mulher em busca de autonomia e prazer, subvertendo sua imagem tradicional. Ela é transgressora e permanecerá transgressora a partir do momento em que, a partir de seu relacionamento com Maze quebra estereótipos de feminilidade submissa e desafia a noção de que o desejo feminino deve ser controlado.

Imagem 06: Mazikeen/Maze (Lesley Ann-Brandt) e Eve (Imbar Lavi).



Fonte: Cena da série Lucifer. Disponível em: <https://www.digitalspy.com/tv/ustv/a37292493/lucifer-season-6-photo-maze-eve-kiss/>. Acesso em: mar. 2025

Ao se encontrar envolvida com Eve, o sentimento a faz questionar-se de sua própria natureza demoníaca, a qual não deve nutrir qualquer amor, bondade ou empatia. A partir desse momento, Maze passa a desejar mais do que ser submissa a Lucifer e apenas a violência. Pode-se dizer que, nesse momento, essa transformação

específica de dialoga com a busca cristã pela redenção, contudo sem seguir a narrativa tradicional do cristianismo.

Construindo uma relação homoafetiva, Maze e Eve também pode ser analisado à luz da teologia feminista, que critica a forma como o Cristianismo historicamente marginalizou as mulheres e demonizou sua sexualidade. Ao construir um amor entre duas personagens femininas em um contexto mitológico cristão, a série desafia a visão patriarcal da moralidade e do pecado. Rose Marie Muraro (2020, p. 21) diz que

[...] uma vez adquirido o conhecimento, o homem tem que sofrer. O trabalho o escraviza. E por isso o homem escraviza a mulher. A relação homem-mulher-natureza não é mais de integração e, sim, de dominação. O desejo dominante agora é o do homem. O desejo da mulher será para sempre carência, e é esta paixão que será o seu castigo. Daí em diante, ela será definida por sua sexualidade, e o homem, pelo seu trabalho.

Dessa forma, conhecimento e prazer, emoção e inteligência são mais integrados na mulher do que no homem e, por isso, são perigosos e desestabilizadores de um sistema que repousa inteiramente no controle, no poder e, portanto, no conhecimento dissociado da emoção e, por isso mesmo, do abstrato (Muraro, 2020).

Na tradição cristã, o mal é frequentemente associado à desobediência e ao afastamento de Deus. Maze, como demônio, personifica essa rejeição da ordem divina. No entanto, ao longo da série, percebe-se que o mal em Lucifer não é absoluto. Mazikeen não é intrinsecamente má, mas sim fruto de um sistema que a condicionou a agir de determinada forma.

Imagem 07: Mazikeen/Maze (Lesley Ann-Brandt)



Fonte: Cena da série Lucifer. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=CFNtKm2Cqg4>. Acesso em: mar. 2025

O Cristianismo define de maneira clara o conceito de bem e mal, sendo o Diabo o opositor direto de Deus. Todavia, Lucifer, na série, sugere ao telespectador conceitos mais fluidos, pois, mesmo sendo um demônio – característica atribuída apenas às personagens femininas na série – ela é capaz de amar e desenvolver laços que vão além da violência que lhe foi imposta, humanizando a personagem e a distanciando de uma visão mais moralista do conceito do mal.

Além disso, o processo de redenção de Maze – que, ao ser amada por Eve – em um contexto homoafetivo, sendo ela uma mulher *queer*, por si só, rompe com as narrativas de submissão do mundo cristão. Mulheres como ela, assim como a Eva bíblica e Lilith, são frequentemente associadas à queda do homem e completamente transgressoras.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mazikeen é uma personagem que transita entre a desconstrução e a reafirmação de padrões patriarcais. Apesar de sua força e representatividade dentro de uma jornada que, histórica e literariamente, é desenhada para o mundo masculino, é visível perceber a influência e as amarras as quais a personagem se encontra dentro de uma visão cristã tradicional.

A série, apesar de ser inspirada nos quadrinhos da DC Comics, apresenta uma complexidade de interseção entre gênero, mitologia e sexualidade, dentro de uma estrutura patriarcal e religiosa, sendo Maze uma personagem disruptiva e que transiciona entre a binariedade dos dois universos: o masculino e o feminino, e, embora inicialmente seja uma *femme fatale* hipersexualizada, ela acaba se transformando em um ser mais complexo e emocionalmente vulnerável, o que reflete o impacto das normas culturais e sociais, bem como as representações da mulher na mídia.

Além disso, através desse estudo, observa-se que a personagem subverte a ideia de que mulheres com poder devem ser punidas ou "desmasculinizadas", conforme sugere a tradição patriarcal. Através de suas relações, especialmente com Lucifer e Eve, Mazikeen passa por uma transformação que questiona sua natureza demoníaca e a leva a buscar afeto, autonomia e redenção, rompendo com padrões de feminilidade submissa. Essa construção da personagem dialoga criticamente com as

noções tradicionais de sexualidade, violência e poder, evidenciando a crítica à representação feminina na mídia e seu impacto nas percepções sociais de gênero e identidade.

A performance de gênero de Mazikeen, conforme discutido à luz dos conceitos de Judith Butler, demonstra que o gênero é uma construção social reiterada por atos performativos, e que a aparente "solidez" dos estereótipos pode ser desconstruída. A representação da violência da personagem, por sua vez, pode ser interpretada como uma ruptura com padrões masculinos e uma resposta a um sistema opressor, afirmando sua presença e desafiando a premissa de que poder e força são intrinsecamente masculinos. A série, ao apresentar um demônio feminino capaz de amor e laços afetivos que transcendem a violência imposta, humaniza a personagem e afasta-a de uma visão moralista do mal, oferecendo conceitos mais fluidos sobre o bem e o mal, que se distinguem da dicotomia tradicional cristã.

O último ponto diz respeito ao relacionamento homoafetivo entre Maze e Eve, que pode ser visto como um ponto crucial de subversão, que desafia a representação da sexualidade feminina como fetichismo masculino e a narrativa cristã de submissão e pecado. Ao construir essa relação em um contexto mitológico cristão, a série não apenas rompe com estereótipos de feminilidade, mas também questiona dogmas religiosos e a visão patriarcal da moralidade, ressignificando a ideia de redenção para personagens que transgridem as normas impostas. Mazikeen, assim, transita entre a desconstrução e a reafirmação de padrões patriarcais, utilizando sua jornada para promover uma visão menos binária de moralidade e um empoderamento sexual que desafia as amarras tradicionais

Desta maneira, a série *Lucifer* não só desafia as normas de gênero, mas também questiona dogmas religiosos, lançando sobre os textos sagrados um novo olhar sobre o papel das mulheres em sua narrativa.

REFERÊNCIAS

BENNAMA, Mekia; MERDJI, Naima. La déconstruction des stéréotypes à travers les médias et la littérature. **Revue algérienne des lettres**, v. 7, n. 3, p. 47-65, 2024.

BÍBLIAON. Bíblia Online. Disponível em: <https://www.bibliaon.com/>. Acesso em: 04 mar. 2025.

- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.
- ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem**. Tradução de Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- FIORENZA, Elisabeth Schüssler. **Changing horizons: explorations in feminist interpretation**. [S. l.]: [s. n.], 2013.
- KOCH, Gertrud. Ex-changing the Gaze: Re-visioning Feminist Film Theory. **New German Critique**, Durham, n. 34, p. 144, Winter 1985.
- MAHAFFEY, Vicki. Taming the Wild Shieldmaiden: A Feminist Analysis of Tolkien's **Heroinsim**. 1995
- MULVEY, Laura. Visual Pleasure and Narrative Cinema. **Screen**, London, v. 16, n. 3, p. 6-18, autumn 1975.
- MURARO, Rose Marie. Breve introdução histórica. **KRAEMER, Heinrich; SPRENGE, James. O martelo das feiticeiras. Tradução de Paulo Fróes**, v. 30, 2020.
- NERONI, Hilary. **The Violent Woman: Femininity, Narrative, and Violence in Contemporary American Cinema**. Albany: State University of New York Press, 2005.
- ÖZKANTAR, Mustafa Özer. Changeless Gender Roles in Changing Digital Media Age: An Analysis of the Netflix Series “Lucifer” in terms of Femme Fatale. **Akdeniz Kadın Çalışmaları ve Toplumsal Cinsiyet Dergisi**, v. 6, n. 2, p. 357-378, 2023.
- PIRES, Valtynnya Campos; NASCIMENTO, Robéria Nádia Araújo. **Complexidade narrativa: a série “Lúcifer” e as percepções do mito do diabo**. *Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação*, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 1-12, jan./jun. 2019.
- PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. Tradução de Maria do Rosário Pedreira. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- PINEAUX, Jean. **Proverbes & diction français**. Paris: PUF, 1963. (Coleção Que sais-je?).
- YONEKURA, Yasmim Pereira. A valsa com o diabo: Lúcifer e a estrutura patriarcal do cristianismo versus a bruxaria na segunda temporada de “O mundo sombrio de Sabrina”. **Todas as Musas**, v. 11, nº 02, 2020.